

CULTIVADORES PRÉ-HISTÓRICOS NO SEMI-ÁRIDO: ASPECTOS PALEOAMBIENTAIS

MARCOS ALBUQUERQUE
Universidade Federal de Pernambuco
VALEDA LUCENA
Fundação Joaquim Nabuco

Discussões relativas às mudanças culturais ocorridas ao longo da pré-história, tem preocupado do ponto de vista teórico a maior parte dos pesquisadores. Os problemas que se apresentam a partir dos questionamentos levantados por estas abordagens requerem um grande número de informações, tanto provenientes dos registros arqueológicos, quanto de áreas paralelas do conhecimento. As condições climáticas predominantes nas regiões tropicais não favorecem a conservação de grande parte dos elementos fundamentais para a reconstrução direta do "modus vivendi" de grupos pré-históricos. Desta forma, muitas das questões relativas a organização social, subsistência, demografia e processos de mudança através do tempo e espaço, se mantêm a níveis de hipóteses especulativas. Tendo em vista as dificuldades de obtenção de registros diretos, faz-se necessário apelar para formas indiretas que permitam se inferir parte das respostas buscadas.

Uma das principais questões discutidas se refere à subsistência. Do ponto de vista teórico, no âmbito da pré-história do Brasil, as discussões têm visado principalmente a ocupação das terras de Floresta Tropical.

Ainda que o conceito de Floresta Tropical, do ponto de vista botânico, possa ganhar diferentes amplitudes, em arqueologia tem sido particularmente enfocada a Floresta Tropical úmida (Gross, 1975; Lathrap, 1962, 1968, 1970; Meggers, 1975; Beckerman, 1979; Chagnon e Hames, 1979).

Por outro lado, pesquisas realizadas em áreas atualmente ocupadas por cobertura vegetal distinta da Floresta Tropical úmida, proporcionaram evidências da presença de população pré-histórica à nível de horticultores em áreas do semi-árido, até então considerado como tendo sido ocupado apenas por grupos de caçadores e de coletores (Albuquerque, 1983).

Tal fato despertou para um novo rumo nas pesquisas arqueológicas; dados obtidos nos anos subseqüentes, conduziram à identificação destes grupos como filiados à Tradição Cultural Tupiguarani. Os resultados obtidos com a execução do Projeto Cultivadores Pré-Históricos do Semi-Árido Nordeste II permitiu se constatar que aquelas ocupações não se tratavam de incursões fortuitas de pequenos grupos, pressionados, talvez, pela expansão do colonizador, mas, sim, se tratava de um estabelecimento estável, semi-sedentário de grupos de horticultores. Este fato traz em si uma questão mais delicada, a ser resolvida: a Tradição Cultural Tupiguarani é até então considerada como integrante do modelo de Floresta Tropical, e sua presença, ainda que de grande dispersão de Norte a Sul do Brasil, apenas havia sido registrada em áreas cujas coberturas vegetal florestada refletia ambiente úmido. Dados recentes obtidos no âmbito da Floresta Tropical úmida amazônica, vem por seu turno também por em discussão os conceitos que caracterizam os "Agricultores de Floresta Tropical".

As evidências de ocupação do semi-árido, em condições estáveis, por grupos da Tradição Cultural Tupiguarani, até então conhecida apenas como habitante de zonas úmidas e de cobertura florestal, deu margem à formulação de duas hipóteses explicativas. A primeira, mantendo inalterado o modelo dos grupos de "Floresta Tropical", sugeria a possibilidade de uma não contemporaneidade destes grupos, com as condições de semi-aridez atualmente presentes na área. Ou seja, quando da ocupação da área por grupos de "Horticultores da Floresta Tropical" as condições vigentes não se caracterizam pela semi-aridez mas representavam um período de índices mais altos de umidade, compatíveis possivelmente com a expansão dos domínios florestados.

A segunda hipótese, admitindo que durante o Holoceno médio – embora não se disponha, no momento, de datações absolutas, a cronologia é compatível com os dados disponíveis à tradição cultural identificada – as variações dos níveis de umidade não necessariamente teriam permitido a implantação de coberturas florestadas no atual semi-árido; o grau de integração alcançado pelos grupos de horticultores na área, se deveu ao desenvolvimento de um processo de adaptação cultural às condições de semi-aridez. A verificação desta hipótese acarretaria a necessidade de uma revisão parcial no modelo de ocupação anteriormente proposto para os portadores da Tradição Tupiguarani.

Desta forma, levantam-se questões como a importância da caça e da pesca nessas áreas; o papel dos produtos agrícolas cultivados; a adequação ou as mudanças sociais na ocupação destas áreas; as variações demográficas ao longo do tempo e do espaço; o relacionamento entre grupos dessas regiões.

Os estudos efetuados no campo da Geomorfologia Quaternária, tem representado a base fundamental para os estudos paleoclimáticos. A partir dos meados da década de 70, outras disciplinas como a botânica, a zoologia, com base em estudos de distribuição de espécies e posteriormente com especial enfoque nos processos de especiação, tem contribuído para elucidar, sugerir ou ainda reforçar hipóteses estabelecidas por estudos paleoclimáticos (Bigarella et alii, 1975).

Os estudos humanísticos, por seu turno, apesar do grande interesse e da contribuição efetiva que vem recebendo através dos resultados dos estudos de paleoclimas, requerem para um grau de compreensão mais acurado de seus problemas, um nível maior de refinamento, de precisão, no que tange a ocorrência de eventos paleoclimáticos. Questões mais amplas do ponto de vista de distribuição de grupos humanos, de suas origens e dispersão, podem ser satisfeitos, pelo menos a nível das primeiras aproximações, pelos índices registrados e interpretados através de estudos geomorfológicos quaternários. Entretanto, ao se atingir patamares de maior detalhamento, quando as questões assumem um caráter de maior precisão, torna-se necessário, e mesmo imprescindível, um maior refinamento metodológico, que permita se reduzir os lapsos temporais.

Se as modificações do ponto de vista estritamente biológico, foram, no homem, uma ação relativamente rápida, pelo que se observa do curto período que decorre entre os primeiros homínidos e os atuais *homo sapiens* – cuja presença já se cogita ser bem mais recuada do que a princípio se supunha – as diferenciações culturais, por seu intenso dinamismo, têm necessariamente que adotar dimensão temporal diferenciada. Os mecanismos de diferenciação de modificação nos âmbitos biológicos e culturais têm evidentemente que ser mensurados em unidades temporais distintas. Às primeiras interessa grandes contextos, ainda que por seu turno estejam sendo mediados no caso humano por ações culturais. Os mecanismos culturais entretanto, estão intrinsecamente relacionados a questões mais imediatas, e mesmo até de efeito restrito, quer em termos temporais, quer em termos espaciais. Desta forma admitindo-se a cultura como elemento mediado entre a sociedade e a natureza, como elemento que efetiva a transformação da natureza mediante a ação humana, os reflexos das variações no quadro natural se fariam sentir de imediato nas relações da sociedade com a natureza. Estas observações que buscando propositadamente sugerir uma descontinuidade entre natureza e sociedade, apenas com o intuito de enfatizar a questão, não perdem seu sentido ao se adotar a posição mais coerente de se considerar o relacionamento intrínseco, e mesmo a unidade representada pela natureza/sociedade.

Estes conceitos permitem se inferir que mesmo as pequenas variações no quadro natural, ainda que não decorrentes da ação humana, fariam sentir seus efeitos nas sociedades que delas compartilhassem. As variações climáticas, sobretudo as holocênicas, que na opinião de Ab'Saber (1981) seriam mais curtas e mais frequentes, dificilmente produziram um registro geológico de fácil detecção. Por outro lado, os índices parecem sugerir que a amplitude destes eventos holocênicos teriam sido de âmbito restrito, com efeitos locais (Ab'Saber, 1981). Poder-se-ia ainda sugerir que a detecção que se vislumbra destas oscilações de amplitude reduzida, estaria já diretamente relacionada a um maior refinamento na metodologia adotada, ou seja, a utilização de indicadores de maior sensibilidade, qual sejam, elementos culturais. Entenda-se que ao se utilizar "maior refinamento na metodologia" diz respeito apenas a adoção de unidades temporais mais reduzidas e a utilização de técnicas compatíveis a esta amplitude temporal buscada.

Estas considerações quando projetadas sobre o quadro do conhecimento atual acerca dos paleoclimas do Nordeste brasileiro sugerem a necessidade de estudos mais detalhados, estudos locais que permitam fornecer dados que venham a possibilitar a formulação de um quadro mais concreto do processo de sucessão de paisagens que aí se operou. De um modo geral, as informações disponíveis para o Nordeste, tanto no campo da paleontologia, da botânica, da zoologia, da paleoclimatologia e da arqueologia, são ainda reduzidas. Esta região, que até o final da década de 70 era considerada como "provavelmente desabitada até a.C." (Sanders et Marino, 1970) tem revelado, através de pesquisas mais recentes, sítios de ocupação humana que remontam a períodos bem mais recuados, na ordem de pelo menos 31.500 anos BP (Guidon, 1986).

Por outro lado, questões propostas tanto a nível da botânica quanto da Morfoclimatologia, teriam, na medida em que o modelo proposto se apresenta mais consistente, forçosamente que repercutir nos modelos de padrões de assentamentos humanos. Estas questões dizem respeito a movimentos pulsatórios dos domínios morfoclimáticos de áreas nucleares que teriam alternadamente permitido a presença no Nordeste brasileiro de formações florestais mais úmidas – relacionadas a Floresta Amazônica – e o estabelecimento das Caatingas. Ainda que estas questões em seu sentido amplo sejam tidas como aceitas (Andrade Lima, 1964, 1966), sua amplitude, distribui-

ção, efeitos locais e períodos de ocorrência, não são ainda conhecidos com maiores detalhes e precisão.

Os recursos fornecidos pelos métodos aplicados à geomorfologia, tem-se esgotado a nível da definição de eventos de maior amplitude.

(Ab'Saber, 1981): "Outros caminhos devem ser agora buscados com vistas a solução destes problemas que não se restringem ao caso nordestino, mas que representam a amplitude do contexto sul americano".

Com fundamento nestas preocupações, tem-se desenvolvido no Brasil, no âmbito das equipes de pesquisadores voltados à solução de problemas relativos a processos de fixação e de distribuição de populações humanas na pré-história, com base em estudos arqueológicos, projetos que visam elucidar problemas deste teor, e que se apresentam em maior ou menor amplitude.

No Nordeste brasileiro, um dos pontos que de início poderia vir a trazer relevantes informações no campo da paleoclimatologia e, conseqüentemente, aos estudos dos processos de modificação cultural entre populações pré-históricas, é o conjunto representado pela Serra Grande. Esta unidade morfo-estratigráfica poderia ter representado o papel do elemento através do qual se teriam introduzido por migração durante a expansão dos domínios florestados, elementos da flora amazônica, no interior do qual do atual domínio das Caatingas. Por idênticas razões, seria este elemento, a Serra Grande, o repositório mais tardio de elementos disjuntos daquela formação florestal úmida, quando da ocorrência de períodos de retração dos domínios florestados. Respeitadas as diferenciações inerentes, poder-se-ia considerar a possibilidade de que, se não toda a Serra Grande, mas no mínimo partes deste conjunto ter-se preservado como "refúgio" com condições de clima mais ameno, por ocasião da instalação dos períodos de semi-aridez mais ampla no continente.

Considerando-se as hipóteses estabelecidas e admitindo-se a necessidade de se trabalhar dentro do semi-árido áreas fisiograficamente distintas, poder-se-ia selecionar áreas de história geológica diferenciada, e cuja cobertura vegetal atual sugere um relativo distanciamento das condições climáticas, pelo menos para uma época relativamente próxima, ainda que participando das mesmas condições gerais de semi-aridez atuais.

Na tentativa de se explorar áreas com características morfoclimáticas distintas, topologicamente próximas, e conseqüentemente ambas igualmente acessíveis em termos de distância a grupos que habitassem as cercanias, poder-se-ia sugerir o estudo da porção da Serra Grande, em seu trecho conhecido como Serra do Araripe, próximo a seus limites sul, em área que serve de divisa entre os atuais Estados de Pernambuco e Piauí.

A área que interessaria ao estudo não se restringiria, portanto, à Chapada ou Serra propriamente dita, mas ainda às porções baixas, ao pé da serra, depressões intramontanas, conhecidas na região como "sertão", em oposição à "serra".

Resumo

Resultados de pesquisas recentes, realizadas em áreas que atualmente apresentam condições de semi-aridez, têm demonstrado a presença de grupos pré-históricos filiados à Tradição Cultural Tupiguarani. O que à princípio se pensou tratar-se de assentamentos fortuitos, decorrentes de uma pressão exercida pelos colonizadores, se mostrou com padrões de assentamento estável, populoso e de duração compatível com os assentamentos desta Tradição em outras partes. Nestes termos, a aplicação do modelo de "grupo de floresta tropical" até então aceito para a classificação desta Tradição Cultural, não se coaduna. Estas observações conduziram a formulação de duas hipóteses explicativas:

1 - necessidade de revisão da caracterização dos Tupiguaranis como "grupo de floresta tropical";

2 - possibilidade de haver ocorrido uma intensa modificação ambiental nestas áreas, em épocas muito recentes.

Avaliando a disponibilidade de recursos técnicos e de informações interdisciplinares para a recuperação de um maior conjunto de dados complementares, se propõe a realizar estudos detalhados, em sítios tipologicamente próximos, mas em zonas fisiográficas distintas. Estudos que visam a recuperação de dados que permitam se avaliar a importância da caça e da pesca nestas áreas; o papel dos produtos agrícolas cultivados; a adequação ou as mudanças sociais na ocupação de cada uma das áreas; as variações demográficas, e ainda, o relacionamento entre grupos. Enfim, que permitam inferir as disponibilidades ambientais e a dinâmica cultural. Elege como área piloto desta abordagem a região do Araripe, abrangendo a "serra" e o "sertão".

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, A. Nacib. Os Domínios Morfoclimáticos na América do Sul. **Geomorfologia**. 52: 2-23. 1977. Universidade de São Paulo.
- _____. Paleo-Clima e Paleo-Ecologia. **Anuário de Divulgação Científica**. 5:53-51. Instituto Goiano de Pré-História e Arqueologia. 1981. Universidade Católica de Goiás.
- ALBUQUERQUE, Marcos. Horticultores Pré-Históricos do Nordeste. In: **Arquivos do Museu de História Natural**. Vol. VIII/IX. 131-134. 1983/1984. Belo Horizonte.
- ANDRADE LIMA, Dárdano. Contribuição à Dinâmica da Flora no Brasil. **Arc. Inst. da Terra**. 2:15-20. 1964. Univ. do Recife.
- _____. Contribuição ao Estudo do Paralelismo da Flora Amazônica-Nordestina. **Bol. Tec. 19 do Inst. Pesq. Agron.** 30. 1966. Recife.
- BECKERMAN, S. The Abundance of Protein in Amazonia: A Replay to Gross. In: **American Anthropologist**. 81:533-560. 1979.
- BIGARELLA, J. J.; ANDRADE LIMA, Dárdano e RIEHS, P. J. Considerações a respeito das Mudanças Paleoambientais na distribuição de algumas Espécies Vegetais e Animais do Brasil. In: **Anais da Academia de Ciências** (Suplemento). 47. 1975.
- CHAGNON, N. e HAMES, R. Protein deficiency and tribal warfare in Amazonia: new data. In: **Science**. 203 (4383):919-923. 1979.
- GROSS, D. R. Protein capture and cultural development in the Amazon Basin. In: **American Anthropologist** 77 (3):526-549. 1975.
- GUIDON, N. e DELIBRIAS, G. Carbon 14 Dates to Man Indian American 32,000 Years Ago. In: **Nature**. v. 321. 1986.
- LATHRAP, D. W. **Yarinacocha: Stratigraphic Excavation in the Peruvian Montana**. PhD Dissertation. Harvard University. Cambridge. 1962.
- _____. The "hunting" economies of the tropical forest zone of South America: An attempt at historical perspective. In: **Man the Hunter**, ed. R. B. Lee e I. Devore, 1968, Chicago: Aldine.
- _____. **The Upper Amazon**. London: Thames and Hudson. 1970.
- MEGGERS, Betty. Application of the Biological Model of Diversification to Cultural Distribution in Tropical Lowland South America. **Biotropica** 7:141-161. 1975.
- SANDERS, W. e MARINO, J. **Pré-História do Novo Mundo: Arqueologia do Índio Americano**. Zahar ed. 1970. Rio de Janeiro.
- STWARD, J. H. **Culture Areas of the Tropical Forest**. HSAI. 3:883-899. 1948.